

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

As mágoas de FH

• O humor inabalável de Fernando Henrique mudou com a crise no PSDB, escancarada com a decisão do governador Mário Covas de ficar fora da eleição. A suave placidez, mantida mesmo em momentos críticos, deu lugar a uma indisfarçada irritação. Segundo interlocutores, FH sente-se injuriado, vítima do egoísmo dos que estão pensando só em si. Calculam que ele possa até surpreender o PSDB, propondo a rediscussão de sua candidatura.

Um ministro bem situado corrobora o que os líderes tucanos contam sobre o estado de espírito de FH. Em sua defesa, o ministro diz cobras e lagartos de Covas, cuja atitude é adjetivada de egoísta e oportunista, recorrente em toda eleição, quando é preciso implorar para que ele dispute.

— Ele é o nosso Itamar — diz o trovejante ministro, planejando criar uma ordem dos verdadeiros e leais amigos do presidente.

Em tom de especulação, acrescentou que se houver mesmo uma reunião de governadores tucanos, Fernando Henrique pode dar o xeque-mate final, dizendo-lhes: se acham que ele está mesmo prejudicando a todos e ao PSDB, não se imolará pela candidatura. Se tiverem outra, ele abdica da sua. E aí? O que fariam?

Além de Covas, Fernando Henrique queixa-se do deputado Almino Affonso, cujas posições sempre respeitou, e que agora deixa o partido chamando-o de imperial; de Ciro Gomes e sua candidatura perturbadora; do governador Eduardo Azeredo, que endossa as

críticas de Covas; da executiva do PSDB paulista, que trata Covas como vítima ao lhe hipotecar solidariedade. Faz ressalva a Marcello Alencar e pergunta:

— E em mim, ninguém pensa? A mim reservam o papel de alçó do partido?

Auxiliares próximos também desabafam, ponderando:

— O Covas pode deixar a vida pública, mas que não culpe Fernando Henrique por isso. É muito menos um ICMS!

Mas algum sinal de paz parece ter surgido ontem. O ex-líder José Aníbal, espécie de conselheiro de Covas na bancada paulista, ficou uma hora com Fernando Henrique. Saiu com evasivas, mas apostando que tudo isso servirá para dar uma chacoalhada no partido, que ainda tem um ano para se organizar para a eleição. Aníbal endossa a pregação do colega Roberto Brant, para quem tudo isso está acontecendo porque a política de alianças do PSDB é mal definida, permitindo que o presidente-candidato faça um jogo muito livre e variado nos estados. Melhor exemplo disso, o flerte com Maluf em São Paulo.